

D L 04.ABR2001\*193041

*M. S. Ramos*

**ANA PAULA RAMOS FERREIRA**

**EPIGRAFIA FUNERÁRIA ROMANA DA BEIRA INTERIOR:  
INOVAÇÃO OU CONTINUIDADE?**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia  
orientada pelo Professor Dr. José  
d'Encarnação, a apresentar à Faculdade  
de Letras da Universidade de Coimbra.**



**Instituto de Arqueologia  
Coimbra 2000**

## INTRODUÇÃO

Certamente poucas regiões da Hispânia proporcionaram um tão rico espólio epigráfico como as actuais regiões da Guarda e de Castelo Branco. Este espólio deve-se essencialmente aos vestígios do centro urbano que terá existido na actual aldeia de Idanha-a-Velha. A restante região carece de grandes cidades, pelo menos que tenham chegado ao nosso conhecimento.

Localizados entre os 39° 30' e os 41° 10' de latitude Norte e os 6° 50' e os 8° 10' de longitude Oeste, estes dois distritos situam-se no mais profundo interior do território nacional. Se, no conjunto, o limite Este dos dois distritos estabelece a fronteira com as terras de Espanha, é aproximadamente na área de contacto entre os dois distritos que se encontram os principais acidentes geomorfológicos que separam o Alto Portugal, mais montanhoso, do Portugal Meridional, mais aplanado. Áreas de planalto a Norte e áreas de planície a Sul, surgem recortadas por formas de relevo fortemente movimentadas que correspondem à Serra da Estrela e à Serra da Gardunha, no sector Ocidental do sistema montanhoso que atravessa a Península Ibérica de ENE para WSW.

A conquista romana da Península Ibérica iniciou-se em 218 a. C. com o desembarque das tropas de Cneu Cipião em Ampúrias (ALARCÃO 1988<sup>1</sup> p. 13), tendo sido concluída por Augusto (*ibid.* p. 28). A pacificação do território que ora nos ocupa, cujos recursos de ouro e estanho aluviais, de ferro e até chumbo interessavam aos Romanos, não ocorreu antes de 44 a. C., sendo que desde 194 ou 193 os Romanos defrontavam os Lusitanos<sup>1</sup> (*id.* 1990 pp. 347-349).

Não existia uma unidade étnica, linguística ou cultural no nosso território quando os Romanos cá chegaram. O reordenamento territorial efectuado pelos Romanos passou pela definição de *civitates* e de uma rede viária que facilitava as comunicações, contribuindo assim para a integração das populações na respectiva *civitas* (*id.* 1988<sup>1</sup> p. 10). Esta integração tornar-se-ia mais fácil pelo facto de, na definição territorial das *civitates*, os Romanos não terem atendido apenas aos limites geográficos naturais, mas também às divisões etnicoculturais pré-existentes, fazendo coincidir os limites de uma *civitas* com os de uma anterior unidade étnica ou política (*id.* 1990 p. 360).

---

<sup>1</sup> Estes, provavelmente, não corresponderiam a um *populus*, mas a um conjunto de *populi* da Beira Interior (cf. ALARCÃO 1988<sup>1</sup> pp. 15-16, 1990 p. 354, 1992 pp. 344-345) e seriam uma população indo-europeia pré-céltica, como se deduz da língua atestada nas inscrições rupestres do Cabeço das Fráguas e de Lamas de Moledo (*id.* 1996 pp. 26-27).

A reforma político-administrativa da região mais ocidental da Península Ibérica, nomeadamente da parte actualmente portuguesa, iniciou-se com Augusto, com o objectivo de fixar ao solo entre o Tejo e o Douro os povos que desde há muito praticavam a transumância. Neste contexto se verificou o desenvolvimento de centros urbanos como uma necessidade decorrente da organização geral do território, através quer da promoção de núcleos populacionais indígenas, como Conimbriga, ou mesmo de cidades novas como a *civitas Igaeditanorum* (MANTAS 1988 p. 417). A fundação desta cidade deve ser considerada na sequência do estabelecimento da *colonia Norba Caesurina*, deduzida em 35 d. C. (*ibid.* p. 419), sendo certamente uma fundação de Augusto. Existia já em 16 a. C., porque nesta data um cidadão de *Emerita Augusta* doou à cidade um relógio de sol<sup>2</sup> (ALARCÃO 1988<sup>1</sup> p. 35), marcando a introdução na vida pública local de práticas consignadas na legislação romana, nomeadamente quanto ao horário de funcionamento dos tribunais (MANTAS 1987 p. 27), e terá sido promovida ao estatuto municipal sob os Flávios (*ibid.* p. 29). Alguns anos mais tarde esta *civitas* homenageia *Caius Caesar*, neto de Augusto e seu herdeiro presuntivo (cf. ALMEIDA 1955).

As *civitates* foram integradas em *conventus*, essencialmente uma circunscrição judicial criada com o objectivo de facilitar a administração da justiça. Se actualmente não existem dúvidas quanto à inclusão dos distritos da Guarda e de Castelo Branco na Lusitânia, o mesmo não se passa em relação à sua integração num convento jurídico: se o distrito da Guarda pertencia ao *conventus Emeritensis*, o de Castelo Branco pertenceria, muito provavelmente, ao *Scallabitanus* e ao *Emeritensis*, nomeadamente a zona Leste, tendo em conta o traçado da rede viária e os condicionalismos de ordem geográfica (MANTAS 1988 p. 418 nota 21. ALARCÃO 1990 pp. 384-385).



É objectivo deste trabalho, partindo do contributo da epigrafia funerária<sup>3</sup> lusitano-romana dos distritos de Castelo Branco e da Guarda, fazer o estudo sócio-demográfico da Beira

---

<sup>2</sup> A doação deste relógio (ILER 2082) à *civitas Igaeditanorum* por um indivíduo, presumivelmente emigrado desde a capital, *Emerita Augusta*, e que havia chegado à cidade ao abrigo de algum pacto de hospitalidade no ano de 16 a. C., converte esta doação na mais antiga de um particular, das conhecidas na Lusitânia (ANDREU PINTADO 1999 p. 47).

<sup>3</sup> Por esta entendo não só os epitáfios, mas todas as inscrições que memoram o defunto, muitas vezes noutra local que não o de enterramento. Este tipo de inscrições é muito fértil porque quem escreve ou quem manda escrever os textos memorativos não são os mortos, mas sim os vivos e se o fazem para perpetuar a memória dos que partem, é à semelhança dos ideais dos que ficam.

Interior ao tempo dos Romanos, avaliando do grau de aculturação da população desta região e, desta forma, se não responder, pelo menos abrir pistas de reflexão à questão motor - epigrafia funerária da Beira Interior: inovação ou continuidade?

Bem sei que me cingi a divisões administrativas actuais que não corresponderiam à realidade romana, o que, obviamente, limita quaisquer conclusões. No entanto, qualquer outra delimitação territorial seria igualmente criticável, pelo que optei por elaborar uma carta epigráfica local, até porque não é meu objectivo discutir o tema da geografia política desta vasta região ao tempo dos Romanos. Reúne-se, pela primeira vez, a epigrafia funerária da região. Região esta que nunca foi alvo de um estudo sistemático. É uma zona por demais importante no âmbito do conhecimento da Lusitânia Romana e, como é sabido, apesar de ter a noção de que este conjunto de inscrições constitui uma reduzida amostra no vasto horizonte epigráfico da Lusitânia, não tem merecido da comunidade científica a atenção devida. De qualquer forma, procurei apresentar o mais rigorosamente possível os dados epigráficos, de molde a escalpelizar o fértil leque de informações contidas nas epígrafes.

Tendo, obviamente, em conta que a interpretação de material epigráfico como recurso para obter informações sobre a população antiga de uma determinada região se revela plena de dificuldades<sup>4</sup>, tentei detectar os diversos grupos sociais, definir relações de parentesco, abordar aspectos demográficos, esclarecer acerca da questão tipológica, determinando a que códigos estéticos obedeceram, e até, se possível, revelar aspectos da vida privada.

Depois da apresentação, por ordem alfabética de autores, da bibliografia consultada<sup>5</sup>, precedida da lista de abreviaturas e siglas utilizadas, seguem-se os capítulos de síntese. O primeiro apresenta o estudo onomástico, onde procurei verificar que tipo de antropónimos dominam na área geográfica em estudo ao tempo dos Romanos, assim como detectar as várias fases da aculturação onomástica latina entre os indígenas. Ainda neste capítulo apresenta-se uma panorâmica das componentes sociais detectadas, tendo-se feito não só a identificação epigráfica de escravos e libertos, a distinção de cidadão romanos de indígenas romanizados, a detecção de movimentos populacionais e da nata local, bem como uma incursão pela vida privada destes personagens. Assim se detectaram relações de parentesco e, quantas vezes, outras menos menos explícitas como, por exemplo, a relação amorosa de indivíduos que, não sendo casados, viviam maritalmente. Enfim, uma tentativa de

---

<sup>4</sup> Sobre esta questão da insuficiência do material epigráfico funerário no estudo da Antiguidade Romana, ver HOPKINS 1987 e SALMON 1987.

caracterização da estrutura social da população da Beira Interior ao tempo dos Romanos. O segundo faz uma breve análise demográfica - as informações relativas à idade da morte - e uma abordagem à estrutura textual e formulário das epígrafes. O terceiro aborda a questão da tipologia, material e decoração, sempre em relação com as anteriores análises. O quarto permitirá, enfim, apresentar pistas relativas à componente sócio-demográfica da Beira Interior e do seu comportamento face aos invasores Romanos.

Em apêndice apresenta-se o catálogo onde se reúnem 241 inscrições, sendo duas falsas, relativas a cerca de 821 indivíduos, entre inscrições publicadas<sup>6</sup> e inéditas. O catálogo<sup>7</sup> está organizado por ordem alfabética do local de achado (distrito, concelho, freguesia) e primeiro nome citado a que se seguem os textos incompletos, seguindo o critério do maior para o menor número de caracteres identificáveis; no final, encontram-se as de proveniência desconhecida.

O estudo de cada epitáfio, identificado com um número árabe, rege-se pelos moldes do IRCP, iniciando-se com a indicação, por abreviatura, do local do achamento (Ach.) e do actual paradeiro (Par.). Segue-se a descrição<sup>8</sup> e a indicação das dimensões do monumento e do campo epigráfico (pela seguinte ordem: alt x larg x esp); depois a transcrição do texto<sup>9</sup>, seguindo as regras fixadas por José d'Encarnação (1987 pp. 14-15); a tradução o mais aproximada possível, daí a omissão de "filho de" quando o texto o não indica expressamente; a indicação da bibliografia, variantes de leitura e, por fim, o comentário paleográfico e histórico.

Mereceu, assim, a minha atenção na elaboração do catálogo não só o texto, mas também a descrição do monumento, tantas vezes esquecida ou considerada secundária (cf. BONNEVILLE 1984). Esta abordagem exigiu que cada monumento fosse analisado em

---

<sup>5</sup> Quando às obras bibliográficas citadas ao longo deste trabalho se segue um número sem a sigla p, indicativa de página, significa que se está a fazer referência ao número da inscrição na referida obra.

<sup>6</sup> A pesquisa teve em consideração publicações feitas até Julho de 2000.

<sup>7</sup> Não era objectivo inicial a realização de um catálogo epigráfico, no entanto, verificou-se que existiam enormes lacunas nos textos publicados da região em estudo, pelo que se tornava premente a elaboração de um catálogo que servisse de base a esta e, quiçá, outras investigações.

<sup>8</sup> Na classificação tipológica dos monumentos, dada a ambiguidade e incoerência correntes, utilizou-se a seguinte terminologia: ara, blocos (de forma paralelepípedica e espessura superior a 30 cm), estela (monumento de direcção vertical, em que a espessura ronda os 25 cm), cipo (monumento de direcção vertical, de dimensões consideráveis e espessura que ronda os 40 cm) e placas (de forma quadrangular ou rectangular e espessura que ronde os 25 cm). Note-se, no entanto, a relatividade deste tipo de classificação que, não sendo rígida, é necessária ao rigor de qualquer pesquisa. Relativamente à descrição das molduras seguiu-se a proposta apresentada por J. N. Bonneville (1980). Quanto ao suporte dá-se apenas a indicação do material utilizado, não se tendo feito o estudo científico para o qual é necessário um método particular e técnicas precisas que não cabem no âmbito deste trabalho.

particular, no sentido de colmatar descrições incorrectas ou, simplesmente, inexistentes<sup>10</sup> e rever leituras e traduções menos exactas. Para tal foi necessário recorrer à visualização directa do monumento<sup>11</sup> ou à sua fotografia, nomeadamente, no que diz respeito às de Idanha, das quais se dispõe de uma óptima colecção fotográfica.

Procurei também estabelecer uma datação para cada uma das epígrafes. Tendo presente que apenas podemos situar a inscrição num período amplo, não me acomodei a critérios gerais, pois, como é sabido, são de pouco valor para a extensão do Império, pelo que, tendo em conta que para o conjunto em estudo não se conhece o seu contexto arqueológico de procedência<sup>12</sup>, recorreremos para a datação a critérios apresentados por José d'Encarnação (1998 pp. 67-68) válidos para esta região: a ausência ou não da invocação aos deuses Manes; a onomástica e o modo de identificação<sup>13</sup>; a menção da tribo<sup>14</sup>; a simplicidade textual ou, pelo contrário, a presença, por exemplo de adjectivos; a presença ou não das fórmulas *H.S.E* e *S.T.T.L.*; a paleografia e a tipologia do monumento. A utilização combinada, e nunca isolada, destes critérios permitiu avançar com algumas datações.

Índices epigráficos (em que os números identificam sempre as inscrições), tábuas de correspondência, mapas de localização e álbum fotográfico<sup>15</sup> completarão o trabalho.

---

<sup>9</sup> Quando se trata de cognomes que se conhecem apenas no genitivo, faz-se uma opção de transcrição no catálogo, registando-se no índice onomástico as duas hipóteses de nominativo.

<sup>10</sup> Diga-se, a título de exemplo, que os monumentos eram muitas vezes classificados como “pedaço de granito”.

<sup>11</sup> Aproveitamos o momento para agradecer a todos os funcionários de Museus e particulares, que nos abriram as suas portas e permitiram a visualização, análise e registo fotográfico dos monumentos.

<sup>12</sup> Grande parte dos monumentos foi, pelas suas características tipológicas, reaproveitada em construções, impedindo um conhecimento concreto do sítio onde primitivamente teriam sido utilizadas. Aliás, até a sua localização administrativa levantou sérios problemas, verificando-se confusões nas diferentes publicações. Além disso, as informações arqueológicas são escassas, pelo que se torna impraticável relacioná-las com os dados epigráficos.

<sup>13</sup> Critério impossível de utilizar isolado, aliás como qualquer dos outros, dado que uma inscrição achada no Cabeço do Crasto - S. Romão, Seia (cf. GUERRA 1989), datada pelos cônsules epónimos de 217 d. C., chama a atenção para o facto de, apesar de nos situarmos numa época tardia, a personagem que consagra a inscrição, *Vegetus Talabari f(i)lius*, apresentar onomástica tradicional, embora convivendo já com elementos romanos. Assim, como já alertou Amílcar Guerra (*id.* p. 427), este caso chama a atenção para o facto de um nome, ainda que aparentemente integrável nos tipos que parecem denunciar uma fase precoce de romanização, pode encontrar-se em épocas bastante tardias.

<sup>14</sup> Sem entrar na discussão da anterioridade ou não da *tribu Quirina* aos Flávios (cf. NONY 1968). Considerou-se a hipótese geralmente aceite de que a *tribu Galeria* indica uma cidade à qual o *ius latii* foi outorgado por Augusto e que a *tribu Quirina* denuncia um aglomerado urbano que recebe o mesmo direito no tempo dos Flávios (ALARCÃO 1990 p. 360 nota 14).

<sup>15</sup> As fotografias apresentadas são da minha autoria, à excepção das que se encontram, actualmente, na “catedral” de Idanha-a-Velha, da autoria de Delfim Ferreira e pertencentes ao Arquivo Fotográfico do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Não ousaria terminar sem manifestar que tenho consciência de que nas páginas que se seguem fica apenas um humilde contributo no sentido de trazer luz a este período da História que urge desvendar.



Partimos de palavras escritas há cerca de dois mil anos pelo que, sabia-o antecipadamente, as dúvidas foram muitas e as adversidades<sup>16</sup> também, como o seriam em qualquer estudo que visasse o entendimento do passado<sup>17</sup>. No entanto, soube combater o desalento e o entusiasmo ia renascendo.

Na realidade, este estudo seria incomportável sem a Bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian. E também o seria sem o apoio de todos, familiares e amigos, que souberam dar uma pista de trabalho ou, tão simplesmente, levantar o ânimo em momentos de maior desalento.

As últimas palavras quero dedicá-las àquele que foi o responsável, logo no início do nosso percurso académico, pela opção do estudo da Epigrafia: o orientador deste trabalho, o Professor Dr. José d'Encarnação. Aqui lhe deixamos um agradecimento muito especial: primeiro ao amigo que me ensinou a acreditar neste sonho, depois ao Mestre que, sempre atento, habilmente me conduziu na consecução deste estudo.

---

<sup>16</sup> Foi com gáudio que verifiquei que os particulares que têm ao seu cuidado peças de valor histórico as cuidam, nem sempre da melhor forma, é certo, mas sempre com a melhor das intenções. Pelo contrário, foi com incredulidade (ingenuidade, dirão) que constatei que as Instituições ditas “da Cultura”, que delas deveriam cuidar, continuam um pouco desorientadas daquela que deveria ser a sua verdadeira função: preservar o património.

<sup>17</sup> Se é verdade que, como escreveu Pierre Salmon (1987 p. 112), “il est risqué de chercher dans les inscriptions funéraires le secret de la mortalité du passé”, elas ajudam, com certeza, a aproximar-nos do seu conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Universidad de Murcia e Universidad Complutense de Madrid, Murcia, 1994.
- ABÁSULO (José A.), *Epigrafía Romana de la Region de Lara de los Infantes*, Burgos, 1974.
- ALARCÃO (Jorge), *Roman Portugal*, vol. II, Fasc. 1, 1988.
- O Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1988<sup>1</sup>.
- “Os Montes Hermínios e os Lusitanos”, *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, Lisboa, 1988<sup>2</sup>, vol. 2, pp. 41-47.
- “Geografia política e religiosa da *civitas* de Viseu”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 305-314.
- (Coord.), *Nova História de Portugal*, vol. I, Editorial Presença, Lisboa, 1990, pp. 345-394 e 409-441.
- “Etnogeografia da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica”, in ALMAGRO-GORBEA e RUIZ ZAPATERO (eds.), *Paleoetnologia de la Peninsula - Complutum*, 2-3, 1992, pp. 339-345.
- Arqueologia da Serra da Estrela*, Instituto da Conservação da Natureza, Parque Natural da Serra da Estrela, Manteigas, 1993.
- “O primeiro milénio a. C.”, *De Ulisses a Viriato, o primeiro milénio a. C.*, 1996, pp. 15-30.
- ÉTIENNE (R.), ALARCÃO (A. Moutinho) et PONTE (Salette da), *Fouilles de Conimbriga VII (Trouvailles diverses - Conclusions générales)*, Paris, 1979.
- e IMPERIAL (Flávio), “Sobre a localização dos Lacienses e Tapori”, *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, 1996, pp. 39-44.
- ALBERTOS FIRMAT (M<sup>te</sup> de Lourdes), “Nuevos Antroponimos Hispánicos”, *Emerita*, tomo XXXII, fasc. II, 1964, pp. 209-252; tomo XXXIII, fasc. I, 1965, pp. 109-143; tomo XL, fasc. I, 1972, pp. 1-29; tomo XL, fasc. II, 1972, pp. 287-318.
- La Onomástica Personal Primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966.
- “La Antroponímia Prerromana en la Peninsula Iberica”, *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Iberica (Salamanca, 27-31 de Mayo 1974)*, Salamanca, 1976, pp. 57-86.



“Correcciones a los trabajos sobre onomastica personal indigena de M. Palomar Lapesa y M<sup>a</sup> Lourdes Albertos Firmat”, *Emerita*, tomo XLV, fasc. I, Madrid, 1977, pp. 33-54.

“La Mujer Hispanorromana a traves de la Epigrafia”, *Separata de la Revista de la Universidad Complutense (Homenaje a Garcia Bellido III)*, vol. XXVI, n<sup>o</sup> 109, Julio-Septiembre 1977, pp. 179-198.

“Los antropónimos indígenas de las inscripciones Romanas de la región de Penamacor”, *Actas e Memórias do 1<sup>o</sup> Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor (realizado em 5, 6 e 7 de Outubro de 1979)*, Penamacor, 1982, pp. 53-54.

e BENTO (Mário Pires), “Testemunhos da ocupação romana na região de Meimoa (Beira Baixa)”, Comunicação apresentada ao *XIV Congresso Nacional de Arqueologia*, Vitoria, Outubro de 1975, pp. 1198-1208.

ALMEIDA (D. Fernando de), “C. César, Principe da Juventude, honrado em Idanha-a-Velha”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 2<sup>a</sup> série, 1, 1955, pp. 178-185.

*Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa, 1956.

ALMEIDA (J.) e FERREIRA (F.), “Varia Epigraphica”, *Revista de Guimarães*, 79, 1969, pp. 257-260.

ANDREU PINTADO (Javier), “Munificencia pública en la provincia Lusitania: una síntesis de su desarrollo entre los siglos I y IV d. C.”, *Conimbriga*, vol. XXXVIII, 1999, pp. 31-63.

BARATA (Luís) e LEITÃO (Manuel), “Breves notas para um catálogo da Epigrafia Romana de Penamacor”, *Actas e Memórias do 1<sup>o</sup> Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor (5, 6 e 7 de Outubro de 1979)*, Penamacor, 1982, pp. 101-116.

BELTRÁN LLORIS (Francisco), “Las provincias del Imperio Romano: la República”, Comunicação proferida no *Curso Sócrates: Províncias do Império Romano. II. A República*, Universidade de Saragoça / Universidade de Coimbra, Set. 1999.

BENDALA GALÁN (Manuel), “Necrópolis y ritual funerario en la Hispania altoimperial”, *Arqueoxia da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievo*, Xinzo de Limia, 1995, pp. 277-290.

BENTO (Mário Pires), “Estações Arqueológicas Romanas de Meimoa (Beira Baixa)”, *Estudos de Castelo Branco*, nova serie, n<sup>o</sup> 3, Jan. 1978, pp. 80-88.

“Novos achados arqueológicos em Meimoa e Benquerença”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 431-440.

e CURADO (Fernando Patrício), “Placa funerária de Meimoa (Penamacor)”, *Ficheiro Epigráfico*, 28, 1988, nº 126.

“Paisagem e património histórico nos termos de Penamacor e de Meimoa”, *Comunicações das I Jornadas de História Regional do Distrito de Castelo Branco (13,14 e 15 de Novembro de 1987)*, Castelo Branco, 1994, pp. 65-77.

BLANCO FREIJEIRO (Antonio), *El puente de Alcantara en su contexto historico*, Madrid, 1977.

BONNEVILLE (J. N.), “Le monument epigraphique et ses moulurations”, *Fa ventia*, 2/2, Barcelona, 1980, pp. 75-98.

“Le support monumental des inscriptions: terminologie et analyse”, *Epigraphie Hispanique, Problèmes de Méthode et d’Édition (Université de Bordeaux III les 8-9-10 décembre 1981)*, Paris, 1984, pp. 117-152.

BORGES (N. Correia), “Nova leitura da inscrição CIL II 6275 a”, *Conimbriga*, vol. XV, 1976, pp. 117-126.

BRANDÃO (D. de Pinho) e RODRIGUES (Adriano Vasco), “Inscrições de Valhelhas”, *Humanitas*, vols. VI e VII, n.s., Coimbra, 1957-58, pp. 167-171.

CAGNAT (René), *Cours d’Épigraphie Latine*, Paris, 1914.

CARVALHO (J. Silva) e FERREIRA (O. da Veiga), “Algumas lavras auríferas romanas”, *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. IX, fasc. 1-4, 1954, pp. 20-46.

CARVALHO (Rogério) e ENCARNAÇÃO (José d’), “Uma placa funerária do Museu de Castelo Branco”, *Ficheiro Epigráfico*, 39, 1991, nº 177.

“Inscrição rupestre romana procedente de Capinha”, *Trebaruna*, vol. III, Castelo Branco, 1994, pp. 43-53.

CASTILLO (Carmen), “La tribu Galeria en Hispania: Ciudades y Ciudadanos”, *Vestigia Antiquitatis*, Pamplona, 1997, pp. 479-490.

CHEVALIER (Jean) e GHEERBRANT (Alain), *Dicionário de Símbolos*, Editorial Teorema, Lisboa, 1994.

COIXÃO (António do Nascimento Sá) e ENCARNAÇÃO (José d’), *Foz Côa Romana. Notas Epigráficas*, Vila Nova de Foz Côa, 1997.

CÔRTE - REAL (Artur), “Epitáfio de *Quadratus (Aegitania)*”, *Ficheiro Epigráfico*, 34, 1990, nº 154.

e ENCARNAÇÃO (José d’), “Homenagem a Sula Lucrção (Aegitania)”, *Ficheiro Epigráfico*, 34, 1990, nº 153.

- CORTEZ (F. Russel), “Os *Tapori* de Plínio. Subsídios para a sua localização”, *Zephyrus*, III, 2, 1952, pp. 175-178.
- CRESPO ORTIZ de ZÁRATE (Santos), “El rechazo de un gentilicio esclavista: el caso de los *Publicii* de Hispania Romana”, *Conimbriga*, vol. XXXVIII, 1999, pp. 75-104.
- CRISTÓVÃO (José), “Placa funerária de Mortórios (Vale Formoso - Covilhã)”, *Ficheiro Epigráfico*, 28, 1988, nº 128.
- CUMONT (Franz), *Symbolisme Funéraire des Romains*, Paris, 1942.
- CURADO (Fernando Patrício), “Epigrafia das Beiras”, *Conimbriga*, vol. XVIII, 1979, pp. 139-148.
- “Lápide funerária de Pousafoles, Sabugal (*conventus Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 8, 1984, nº 30.
- “Estela funerária de Ruivós, Sabugal (*conventus Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 8, 1984<sup>1</sup>, nº 31 (Cf. FE 10 1984 Ad. nº 31).
- “Uma nova estela do Bronze Final na Beira Alta (Baraçal, Sabugal - Guarda)”, *Arqueologia*, nº 9, Junho de 1984<sup>2</sup>, pp. 81-85.
- “Epigrafia das Beiras (Notas e Correções)”, *Beira Alta*, vol. XLIV, fasc. 4, 1985, 4º trimestre, pp. 641-655.
- “Estela de Marialva (Meda) (*conventus scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 11, 1985<sup>1</sup>, nº 47.
- “Fragmento de cipo funerário de Penamacor (*conventus scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 13, 1985<sup>2</sup>, nº 58.
- “Inscrição Funerária de Mós do Douro (Vila Nova de Foz Côa) (*conventus scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 14, 1985<sup>3</sup>, nº 62.
- “Lápide do Ramirão”, *Ficheiro Epigráfico*, 17, 1986, nº 79.
- “Mais uma estela do Bronze Final na Beira Alta (Fóios, Sabugal - Guarda)”, *Arqueologia*, nº 14, Dezembro de 1986<sup>1</sup>, pp. 103-109.
- “Lápide funerária de Santo Estêvão (Sabugal)”, *Ficheiro Epigráfico*, 22, 1987, nº 101.
- “Estelas funerárias de Vila Boa (Sabugal)”, *Ficheiro Epigráfico*, 27, 1988, nº 123.
- “Fragmento de epígrafe de Malhada Sorda (Almeida)”, *Ficheiro Epigráfico*, 27, 1988<sup>1</sup>, nº 125.

“Fragmento de lápide da Senhora do Bom Sucesso (Penamacor)”, *Ficheiro Epigráfico*, 28, 1988<sup>2</sup>, nº 127.

CURCHIN (Leonard A.), “Familial Epithets in the Epigraphy of Roman Spain”, *Cahiers des Études Anciennes*, 14, 1982, pp. 179-182.

DIAS (Maria Manuela Alves), “A propósito da inscrição B-143 do Museu Regional de Beja”, *Conimbriga*, 18, 1979, pp. 203-226.

“Da latinização onomástica à romanização onomástica no processo de aculturação dos *Igaeditani*”, *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*, 1985, pp. 557-562.

“A propósito da Inscrição E. Epigr. IX, 40, de Cárquere, Resende: os *Ulpii* na *Hispania*”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 333-348.

“Fragmento de placa funerária Romana de Sobral do Campo (Castelo Branco)”, *Ficheiro Epigráfico*, 46, 1994, nº 209.

ELORZA (Juan Carlos), *Ensayo Topografico de Epigrafia Romana Alavesa*, Vitoria, 1967.

ENCARNAÇÃO (José d’), “Inscriptions mal connues du Conventus Pacensis”, *Conimbriga*, vol. XVI, 1977, pp. 45-59.

“Épigraphie funéraire du *Conventus Pacensis* (Lusitanie): un essai de distribution géo-sociologique des types de monuments”, *Épigraphie Hispanique. Problèmes de Méthode et d’Édition (Université de Bordeaux III les 8-9-10 décembre 1981)*, Paris, 1984, pp. 297-300.

*Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984 (= IRCP).

“Indigenismo e Romanização na Lusitânia”, *Biblos*, vol. LXII, 1986, pp. 451-464.

*Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra, 1987 (2ª edição).

“Fragmento de placa funerária”, *Ficheiro Epigráfico*, 28, 1988, nº 130.

“Indigenismo e Romanização na Epigrafia de Viseu”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 315-323.

“A Demografia” e “A Religião” in ALARCÃO (Jorge de) (Coord.), *Nova História de Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1990, pp. 395-408 e 442-461.

“A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão). A onomástica enquanto índice sócio-cultural”, *Anais do Município de Faro*, nº XXI, 1991, pp. 229-241.

“O monumento epigráfico romano, fonte para o estudo das migrações na Península Ibérica”, *III Congreso Peninsular de Historia Antigua, Preactas*, vol. II, Vitoria, 1994, pp. 649-653.

*Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais, 1994<sup>1</sup>.

“A epígrafe latina como elemento didático”, *Boletim de Estudos Clássicos*, vol. 25, Coimbra, Junho de 1996, pp. 48-52.

“Libertos no termo da Egitânia Romana”, *Materiais*, II Série, nº 0, vol. 2, Castelo Branco, Agosto 1996<sup>1</sup>, pp.13-19.

“Os Romanos do Negócio”, *O Fozcoense*, 15/06/1996<sup>2</sup>.

“Epigrafia e território”, *Espacio, Tiempo y Forma, serie II, Historia Antigua*, t. 10, 1997, pp. 79-89.

*Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*, Coimbra, 1997<sup>1</sup> (3ª edição).

*Estudos Sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998.

e CARDOSO (Guilherme), “Caparide ao tempo dos Romanos”, *Arquivo de Cascais*, 3, 1981-82, pp. 87-96.

e LEITÃO (Manuel), “A propósito das inscrições de Sarzedas e Sertã”, *Conimbriga*, vol. XXI, 1982, pp. 127-133.

ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d' Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958.

FABRE (G.) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga. II- Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976.

FERREIRA (Ana Paula), “As Saudações do Além entre os Romanos”, *Conimbriga*, vol. XXXV, 1996, pp. 107-128.

“Sobre a dispersão dos *Tapori*: algumas notas de reflexão”, *Conimbriga*, vol. XXXIX, 2000, pp. 153-192, no prelo.

FORCELLINI (Aegidio), *Lexicon Totius Latinitatis*, Pádua, 1940.

GARCIA (José Manuel), “Epigrafia e romanização de Castelo Branco”, *Conimbriga*, vol. XVIII, 1979, pp. 149-167.

*Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1984. (Cf. recensão de Vasco Gil Mantas, *Conimbriga*, vol. XXIV, 1985, pp.224-229).

GARCIA IGLESIAS (Luis), “Sobre los municipios Flavios de Lusitania”, *Revista de la*

*Universidade Complutense. Homenaje a García Bellido IV*, vol. XVIII, nº 118, 1979, pp. 81-85.

- GARCIA Y BELLIDO (Antonio), *Esculturas Romanas de España y Portugal*, Madrid, 1949.
- GONZÁLEZ HERRERO (Marta), “Algunos casos particulares de promoción social entre militares lusitano-romanos”, *Conimbriga*, vol. XXXVI, 1997, pp. 73-93.
- GUERRA (Amílcar), “Uma importante epigrafe proveniente do Cabeço do Crasto (S. Romão, Seia)”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 425-430.
- GUILLEN (Jose), *Urbs Roma. Vida y Costumbres de los Romanos*, III. *Religion y Ejército*, 1980
- HEENE (Katrien), “La manifestation sociale de l’ expérience du chagrin: le témoignage de la poésie épigraphique latine”, *Epigraphica*, L, 1988, pp. 163-177.
- Hispania Antiqua Epigraphica*, Madrid, 6-7, 1955-1956; 12-16, 1961-1965.
- Hispania Epigráfica*, 1, 1989; 2, 1990; 3, 1993; 4, 1994; 5, 1995; 6, 1996.
- HOPKINS (Keith), “Graveyards for historians”, *La mort, les morts et l’ au-delà dans le monde Romain (Actes du Colloque de Caen 20-22 Novembre 1985)*, Caen, 1987, pp. 113-126.
- HÜBNER (E.), *Corpus Inscriptionum Latinarum -II*, Berlim, 1869, 1892 (Suplemento).
- HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)*, Cáceres, 1977.
- JALHAY (Eugénio), “Inscrições romanas do Museu da Guarda”, *Brotéria*, vol. L, Lisboa, 1950, pp. 560-572.
- LAMBRINO (Scarlat), “Les inscriptions latines inédites du Musée Leite de Vasconcelos”, *O Arqueólogo Português*, n. s., III, 1956, pp. 5-73.
- L’ Année Épigraphique*, Paris, 1936, 1960, 1961, 1967, 1969-70, 1976, 1977, 1979, 1982, 1983, 1985, 1986, 1987, 1989, 1990.
- LAVAGNE (Henri), “Le tombeau, mémoire du mort”, *La mort, les morts et l’ au-delà dans le monde Romain (Actes du Colloque de Caen 20-22 Novembre 1985)*, Caen, 1987, pp. 159-165
- LETTÃO (Manuel), “Inscrição funerária de Póvoa de Atalaia (Fundão)”, *Ficheiro Epigráfico*, 4, 1982, nº 15.
- “Placa funerária de Escalos de Cima (*conventus scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 14, 1985, nº 60.

e BARATA (Luís), “Inscrições Romanas de Bemposta - Penamacor (Beira Baixa)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIII, Fasc. IV, Porto, 1980, pp. 627-634.

LE ROUX (Patrick), *L' Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste a l'Invasion de 409*, Paris, 1982.

LOPÉZ BARJA (Pedro), *Epigrafia Latina*, Santiago, 1993.

LOYZANCE (Marie-France), “À propos de *Marcus Cassius Sempronius Olisiponensis, diffusor olearius*”, *Hommage à Robert Étienne (Separata da Revue des Études Anciennes*, 88, 1986), Paris, 1988, pp. 273-284.

LUÍS (Luís), “Estela funerária do Salgueiral (Monsanto)”, *Ficheiro Epigráfico*, 50, 1995, nº 227

KAJANTO (Iiro), “The significance of non-latin cognomina”, *Latomus*, tomo XXVII, fasc. 3, 1968, pp. 517-534.

*The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965; Roma, 1982.

MANGAS (J.), “Clientela privada en la Hispania Romana”, *Memorias Historia Antigua*, II, Universidade de Oviedo, 1978, pp. 217-226.

MANGAS MANJARRES (Julio), *La difusion de la religion romana en Asturias, Indigenismo y Romanizacion en el conventus Asturum*, Oviedo, 1983, pp. 167-177.

MANTAS (Vasco Gil), “Inscrições Romanas do Museu Municipal de Torres Vedras”, *Conimbriga*, vol. XXI, 1982, pp. 5-99.

Recensão a José Manuel Garcia, *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, in *Conimbriga*, vol. XXIV, 1985, pp. 224-229.

*As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal*, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica, Lisboa, 1987.

“*Orarium Donavit Igaiditanis*: Epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana”, *Actas do 1º Congresso Peninsular de Historia Antigua*, vol. II, Universidad de Santiago de Compostela, 1988, pp. 415-440.

MERINO (C. Garcia), “Las tierras del NO. de la Península Ibérica, foco de atracción para los emigrantes de la Meseta en época romana”, *Hispania Antigua. Revista de Historia Antigua*, III, Colegio Universitario de Alava (Vitoria), 1973, pp. 9-28.

NIEDERMANN (M.), *Phonétique Historique du Latin*, Paris, 1953.

NONY (Daniel), “Claude et les Espagnols, sur un passage de l' *Apocoloquintose*”, *Melanges*

de la Casa de Velazquez, tome IV, 1968, pp. 51-71.

- PALOMAR LAPESA (Manuel), *La Onomástica Personal Pre-Latina de la Antigua Lusitania. Estudio Lingüístico*, Salamanca, 1957(=Olus).
- PERESTRELO (Manuel Sabino), “Fragmento de placa de Cidadelhe (Pinhel)”, *Ficheiro Epigráfico*, 59, 1998, nº 272.
- PFLAUM (Hans-Georg), *Afrique Romaine. Scripta Varia I*, Paris, 1978.
- PLÁCIDO (Luís), “Placa funerária de Orjais (c. *Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 5, 1983, nº 19.
- “Fragmento de placa funerária de Orjais (c. *Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 6, 1983<sup>1</sup>, nº 21.
- “Placa funerária de Vale Formoso (c. *Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 6, 1983<sup>2</sup>, nº 23.
- RIBEIRO (João), “Duas inscrições inéditas do Museu de Castelo Branco”, *Conimbriga*, vol. XV, 1976, pp. 135-140.
- RIBEIRO (J. Cardim), “Estudos histórico-geográficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*”, *Sintria*, I-II, (1), 1982-1983, pp.151-476.
- RODRIGUES (Adriano Vasco), “A propósito de uma lápide do Mileu (Guarda)”, *Humanitas*, vols. VI e VII, n. s., 1957-1958, pp. 96-99.
- “Elementos para o estudo da Romanização nos Montes Hermínios. I- Escavações da Póvoa do Mileu”, *Lucerna*, vol. II, Porto, 1962, pp. 58-69.
- RODRÍGUEZ NEILA (Juan Francisco), “Espacios de uso funerario con indicacion de medidas en las necropolis romanas”, *Conimbriga*, vol. XXX, 1991, p. 59-94.
- SALMON (Pierre), “Les insuffisances du matériel épigraphique sur la mortalité dans l’ Antiquité Romaine”, *La Mort, Les Morts et l’ au-delà dans le Monde Romain (Actes du Colloque de Caen 20-22 Novembre 1985)*, Caen, 1987, pp. 99-112.
- SALVADO (Pedro), “Um importante *cognomen* numa inscrição da aldeia do Souto da Casa (Fundão)”, *Trebaruna*, vol. II, Castelo Branco, 1986, pp. 39-41.
- SANTOS (J.), “Contribucion al estudio de los restos de formas de dependencia en el area celtica peninsular en Epoca Romana”, *Memorias de Historia Antigua*, II, Universidade de Oviedo, 1978, pp. 137-145.
- SILES (Jaime), “Sobre la Epigrafía Iberica”, *Reunión sobre Epigrafía Hispanica de Epoca Romano - Republicana. Actas (Zaragoza, 1-3 diciembre de 1983)*, Zaragoza, 1986, pp. 17-42.



- SILVA (J. Candeias), “Ao Sul da Gardunha: Elementos para a Carta Arqueológica do concelho do Fundão”, *1ª Jornadas da Beira Interior- Fundão 18-19-20 Maio 84*, Fundão, 1984.
- “Placa funerária de Vale de Prazeres (Fundão) (*Conventus Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 12, 1985, nº 51.
- SIMON (Francisco Marco), *Las Estelas Decoradas de los Conventos Caesaraugustano y Cluniense*, (*Caesaraugusta*, 43-44), Zaragoza, 1978.
- SOLIN (Heikki), *Die Griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, Berlin, 1982.
- e SALOMIES (Olli), *Repertorium Nominum Gentilium et Cognominum Latinorum*, Olms-Weidmann, Hildesheim, Zürich, New York, 1994.
- TELES (Carlos Alberto) e TELES (João Alberto), “Inscrição funerária de Parada (Almeida) (*Conventus Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 14, 1985, nº 61.
- UNTERMANN (Jürgen), *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965.
- VARELA (José), “Mais uma inscrição de Idanha-a-Velha (*Conventus Scallabitanus*)”, *Ficheiro Epigráfico*, 2, 1982, nº 8.
- VASCONCELOS (José Leite de), *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913.
- VAZ (João Luís Inês), “Inscrições Romanas do Museu do Fundão”, *Conimbriga*, vol. XVI, 1977, pp. 5-29.
- “Inscrições Romanas do Museu do Fundão”, *Conimbriga*, vol. XVII, 1978, pp. 59-61.
- “Sabugal - Subsídios para a sua monografia”, *Beira Alta*, vol. XXXVIII, fasc. 2, 1979, 2º trimestre, pp. 301-327.
- “A previvência da teonímia indígena na toponímia actual da região de Viseu”, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, 1989, pp. 325-330.
- A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade, História Regional e Local*, nº 2, Coimbra, 1997.
- VIVES (J.), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972 (Índices).

## ÍNDICE GERAL

	Págs.
Introdução .....	3
Abreviaturas bibliográficas .....	9
Bibliografia .....	10
<b>I - A População</b>	
1. A análise onomástica .....	20
2. Componentes sociais .....	26
2.1. Servos e libertos .....	26
2.2. A nata local .....	28
2.3. Os imigrantes .....	32
3. Reflexos da vida social e privada .....	36
<b>II- A Mensagem</b>	
1. A análise demográfica .....	41
2. Especificidades textuais .....	43
<b>III- O Monumento</b> .....	47
<b>IV- Em Jeito de Conclusão</b> .....	53
<b>Apêndices</b> .....	59
<b>Catálogo epigráfico</b> .....	60
Distrito de Castelo Branco .....	61
Distrito da Guarda .....	176
<b>Índices</b> .....	192
<b>Epigráficos</b>	
I- Nomina .....	193
II- Cognomina .....	196
III- Res militaris .....	205
IV- Civitas romana .....	205
V- Geographica .....	205
VI- Artes et officia privata .....	207
VII- Carmina .....	207
VIII- Compendia scripturae .....	207
IX- Notabilia varia .....	208
Tábuas de correspondência .....	209
Local de proveniência dos monumentos .....	213
<b>Mapas</b> .....	215
<b>Álbum Fotográfico</b> .....	218

